

10 perguntas e respostas sobre os atentados nos Estados Unidos

JOÃO FÁBIO BERTONHA*

Menos de um mês depois dos atentados ao *World Trade Center* e ao Pentágono, estivemos a ponto de desistir de acompanhar os acontecimentos. A tarefa de acompanhar os noticiários na TV, ler os jornais e revistas e verificar as novas nos sites de notícias e em outras fontes de informação começou a consumir mais tempo do que tínhamos e estivemos a ponto de nos render a nossa incapacidade de absorver a massa de informações que a mídia ia colocando a nossa disposição.

No entanto, à medida que íamos observando repetidamente as notícias que iam sendo vinculadas, começamos a perceber várias coisas. Em primeiro lugar, observamos que a maioria das informações eram redundantes e que a maioria das opiniões vinculadas pelos “analistas internacionais” (que, nesse último mês, incluíram pagodeiros, convidados de Hebe Camargo e primos de amigos de pessoas que estavam em Nova York) eram a repetição do óbvio, ou seja, apelos pela paz, solidariedade com as vítimas, etc. Uma primeira triagem no material, assim, pôde ser feita.

Depois, percebemos que muitas questões e problemas se repetiam indefinidamente. Claro que os atentados afetaram o cenário internacional em tantas esferas (incluindo desde a economia até o problema ecológico ou a questão dos direitos civis nas

sociedades ocidentais) que seria ilógico querer resumir tudo em meia dúzia de frases. No entanto, temos a impressão que o sistema de aforismos, de perguntas e respostas, pode nos dar alguma luz sobre o acontecido sem nos obrigar a escrever mais centenas de páginas, a se reunirem às montanhas de papel que estão sendo produzidas nesse momento no globo sobre os atentados.

1 - Este é o início da Terceira Guerra Mundial?

Não. Qualquer analogia com Pearl Harbour é absurda, a não ser no aspecto emocional. Todas as grandes potências se solidarizaram com os Estados Unidos e simplesmente não existe um grande inimigo para ser destruído numa grande guerra. Guerra contra o terrorismo, com certeza haverá. A Terceira Guerra Mundial, não.

2 - Os Estados Unidos se revelaram débeis e fracos?

Nenhuma nação do mundo consegue se prevenir com total eficiência do terrorismo. Os atentados revelam uma enorme fragilidade do sistema de proteção interna americano, uma absoluta necessidade de reorganizar e melhorar seu serviço de inteligência e mesmo certa arrogância, de que nenhum grupo terrorista teria a capacidade ou a coragem de atacar o território americano. No entanto, o poder econômico, militar e cultural americano

continua intacto e simples atentados como este não mudam a realidade internacional objetiva, onde os Estados Unidos são a potência hegemônica.

3 - Este é um plano da indústria bélica americana ou da CIA?

A ideia de que este é um plano maquiavélico montado pela CIA ou pelo Pentágono para conseguir mais verbas ou poder é inaceitável. Que esses grupos vão se beneficiar grandemente com o acontecido, é óbvio. Que eles se arrisquem a um ataque dessa envergadura, com a morte de 6 mil americanos, apenas para conseguir esses benefícios e correndo o risco de serem descobertos, é acreditar demais em Hollywood e no maquiavelismo da CIA.

4 - Os Estados Unidos ocultam a verdade sobre o que ocorreu?

Outro boato que corre é que o atentado não foi praticado por Bin Laden, mas por algum grupo terrorista americano e que o governo dos Estados Unidos está bloqueando essa informação, de forma a poder descarregar toda a sua fúria num inimigo exterior e unir a nação. Ora, que seria extremamente embaraçoso descobrir que o ataque não veio de um grupo do exterior (ainda que o padrão indique claramente o grupo de Bin Laden) e que essa descoberta seria terrível, desunindo os americanos ao invés de uni-los, é evidente. Que, a partir daí, o governo de Washington pudesse efetivamente esconder a verdade quando todo o país procura os culpados, é novamente superestimar a capacidade desse governo e ignorar as características abertas da sociedade americana. Não é algo impossível, mas pouco provável.

5 - Os Estados Unidos estão tendo uma reação desproporcional?

Ao contrário do que muita gente esperava, incluindo o autor, a reação

americana tem sido a mais comedida possível. É difícil imaginar algum país do mundo que, com 6 mil dos seus cidadãos mortos e um enorme arsenal a disposição, não reagisse emocionalmente, com a força. Mas o governo Bush tem atuado de forma extremamente cautelosa, evitando um ataque militar imediato e devastador sem algumas certezas mínimas, costurando alianças para o combate do terrorismo, contendo as manifestações anti muçulmanas nos próprios EUA, etc. Provavelmente, a força vai acabar sendo usada em algum nível e, infelizmente, parece certo que alguns civis e inocentes vão ser atingidos pela resposta americana. Mas ela tem sido louvável e, dentro das possibilidades, comedida. Apenas esperar que eles recebam tal golpe sem algum nível de resposta militar seria demais, não só dos americanos como de qualquer povo do mundo.

6 - Os Estados Unidos vão encontrar um novo Vietnã no Afeganistão?

Outra analogia completamente ilógica é que os Estados Unidos vão repetir no Afeganistão a experiência soviética dos anos 1980. O Afeganistão é efetivamente um país cuja conquista é difícil. Terreno montanhoso, tribos primitivas que nada tem a perder e que não obedecem a um governo central que possa ser vencido e obrigado à paz, cultura guerreira. O Afeganistão é um pesadelo para conquistadores e a única maneira de ocupá-lo seria com o uso de força militar imensa e aceitação de baixas intensas por longos anos. Foi o que a URSS enfrentou nos anos 1980.

Mas por que os Estados Unidos precisariam ocupar todo o Afeganistão por anos a fio? A URSS tentou fazer isto porque queria o controle efetivo do país. Os Estados Unidos querem apenas destruir o grupo de Bin Laden e garantir

que o Taleban não dê mais abrigo a grupos terroristas. Tropas especiais, ataques aéreos maciços e ocupação rápida de algumas áreas do país podem garantir o primeiro objetivo. O segundo deve ser deixado a cargo das rivalidades internas do próprio Afeganistão, apoiando grupos rivais, etc. O risco de se criarem novos focos de instabilidade ou do país mergulhar na Guerra Civil por décadas existem, mas a possibilidade de um envolvimento militar americano por longos anos é muito pequena.

7 - O Brasil vai a guerra?

Nenhum país do mundo vai escapar dessa cruzada americana frente ao terror. O Brasil, provavelmente, vai ter que se envolver na coleta de informações, vigilância das fronteiras, apoio logístico aos Estados Unidos, etc., além de sofrer os impactos negativos na economia internacional. No entanto, os boatos e ideias de que tropas brasileiras seriam usadas são absurdos. Os americanos podem desejar algum contingente simbólico para demonstrar o caráter internacional da guerra contra o terror, mas nunca grandes contingentes de tropas brasileiras para, por exemplo, invadir o Afeganistão.

Tropas da Europa e da Rússia seriam, talvez, bem vindas, mas os americanos têm o material e o contingente necessário e as tropas brasileiras não só não seriam necessárias, como, provavelmente, atrapalhariam, por não terem nem o adestramento nem condições tecnológicas de participar numa guerra de Primeiro Mundo. Talvez muitos jornais brasileiros não estejam cientes da defasagem quase abissal entre nossas Forças Armadas e as americanas.

8 - Esta é uma “Guerra de Civilizações”?

Não. O mundo ocidental não quer destruir o Islamismo e vice versa. Mas também não se pode negar que há certo grau de tensão entre um mundo ocidental rico e poderoso e um islâmico orgulhoso do seu passado glorioso e que não consegue se conformar com sua decadência em termos de poderio e influência frente aos “infieis”.

9 - O islamismo é naturalmente terrorista?

Não há nada mais absurdo do que imaginar que o fundamentalismo é uma exclusividade da religião islâmica ou que apenas os adeptos dessa religião possam cometer atos terroristas. Do mesmo modo, seria um equívoco grave tentar atribuir a todos os muçulmanos a alcunha de terroristas em potencial. Por outro lado, é impossível deixar de reconhecer que a religião islâmica tem certas características (o apelo à conquista como forma de expansão da religião, a fusão política/religião, etc.) que tornam mais provável a eclosão de fundamentalistas e terroristas em seu seio do que em outras religiões. Não há muitos terroristas budistas ou católico ortodoxos, por exemplo, e as diferenças de doutrina religiosa ajudam a explicar isso. Ou seja, parece evidente que 99,99% dos muçulmanos não são terroristas, mas sua doutrina parece oferecer mais margem a interpretações fundamentalistas do que as outras grandes religiões do mundo.

Do mesmo modo, o lado fundamentalista da religião cristã, ainda presente em boa parte da sociedade ocidental e, especialmente, nos Estados Unidos, foi anulado pela separação entre política e religião e pela democracia que aceita o pluralismo religioso e defende as liberdades

individuais. Uma Inquisição espanhola não seria mais admissível no mundo ocidental pós Revolução Francesa. No muçulmano, esses pré requisitos para uma civilização pluralista estão pouco desenvolvidos e a perspectiva de uso da religião com fins violentos é muito maior.

Ou seja, enquanto sistemas éticos e de contato com o divino, cristianismo e islamismo estão rigorosamente no mesmo patamar, como sistemas culturais independentes e com valores próprios. O sistema ocidental, porém, permite a convivência dos diferentes de forma menos conflituosa (apesar de não perfeita) e, nesse aspecto, Ocidente e Islã não estão no mesmo patamar. O relativismo na comparação entre as civilizações e religiões pode e deve ser um pouco relativo.

10 - Taleban, Bin Laden e Estados Unidos. Todos iguais? Ou, os Estados Unidos mereceram?

Ainda pensando no item anterior, uma maneira de ser “politicamente correto” nessa semana é ser contra todos. Não há bons, nem maus. Todos estão no mesmo patamar ético e ninguém precisa ser a favor nem contra no conflito que se avizinha. No limite, podemos ser contra atentados terroristas do porte do acontecido (será que alguém seria a favor?), mas deixando claro que os Estados Unidos fizeram por merecer.

Em muitos textos anteriores a este, criticamos veementemente diversas políticas americanas (na gestão da economia internacional, na resolução de conflitos regionais, na arrogância do poder) e não vemos motivos para diminuir essas críticas. Ou seja, uma posição pró EUA inflexível e que nunca mude seria um atestado de ignorância e muitos americanos, inclusive, estão prontos a compartilhar nossas críticas.

Do mesmo modo, não resta dúvida que muitas dessas atitudes americanas colaboraram para diminuir a popularidade do país no mundo.

No entanto, dizer que, por causa disso, devemos ser a favor de um Taleban seria pedir demais. Pobres civis famintos do Afeganistão evidentemente merecem nossa simpatia, mas nos recusamos a aceitar que devemos ser pró Taleban (ou pró Saddam Hussein ou outros menos cotados) apenas porque eles lutam contra a América. A hegemonia americana no mundo pode ser hipócrita às vezes e colaborar para a injustiça no mundo, mas é preferível a radicais que pensam que estão na Idade Média. Ou alguém imagina que, numa situação invertida, um Taleban com o imenso poder da América faria do mundo um lugar melhor? Um pouco de bom senso ajuda, às vezes.

Na verdade, o anti americanismo reflete muita coisa. No caso do Oriente Médio, por exemplo, a América simboliza um mundo laico e ocidental que parece destruir os antigos valores e o apoio às elites corruptas da região e ao Estado de Israel, uma cunha ocidental em pleno mundo árabe recordando a posição hegemônica do Ocidente no mundo. É até possível que ele tenha alguma justificativa. No caso da América Latina, talvez indique, acima de tudo, inveja e incapacidade de aprender.

De fato, os Estados Unidos são um grupo de ex-colônias que conseguiram criar o sistema econômico mais rico e produtivo do mundo, uma sociedade relativamente livre e democrática (apesar das limitações), um sistema de produção científica e cultural que mudou o mundo (não obstante as montanhas de lixo cultural produzidas) e uma máquina militar que moldou o século XX. Para completar, a América não chegou a posição de donos do

mundo unicamente sugando a riqueza de outros países. Claro, o sistema econômico como moldado por eles nas últimas décadas prejudicou os pobres do mundo e os beneficiou claramente (quem negaria a realidade do imperialismo?), mas a chave do poder americano está nas realizações deles, americanos. Talvez seja isto, um misto de inveja e ressentimento pelo sucesso,

que leve tantas pessoas a um anti americanismo tão sem sentido quanto uma adesão completa e sem reflexão às propostas americanas (como fez a elite tucana nos últimos anos). Talvez fosse o momento de aprender com os que deram certo e não apenas copiá-los e adulá-los ou, no outro lado do espectro, execrá-los completamente apenas porque são mais do que nós.



* **JOÃO FÁBIO BERTONHA** é Doutor em História e professor da Universidade Estadual de Maringá.